



Revista
Symposium

UMA NOVA UNIVERSIDADE

Reitor Fernando Montes

Reitor Fernando Montes, na Inauguração da Universidade Alberto Hurtado, dos Jesuítas, em Santiago-Chile

Resumo: Uma nova universidade. Este artigo delinea princípios de ação a serem seguidos pela Universidade Alberto Hurtado, da Companhia de Jesus, diante da realidade social, econômica e política do Chile. Princípios à luz dos ensinamentos de Santo Inácio de Loyola e dos Evangelhos, que se pretendem sirvam de ponte entre professores, profissionais, cientistas, políticos e as pessoas que experimentam na pele as conseqüências das desigualdades sociais. Um novo compromisso de atuar academicamente, sem perder de vista elementos norteadores da ética, das ciências, da fé e da justiça. Com base nesses princípios, o autor estabelece um decálogo de conteúdo humanista para guiar a formação de homens e mulheres com visão universal a serviço da sociedade.

Palavras-chave: ética, fé, religião, educação e universidade.

Abstracts: This paper sets out principles of action to be followed by Alberto Hurtado University, of the Company of Jesus, in view of the social, economic, and political reality of Chile. Principles formed in the light of the teachings of Saint Ignatius of Loyola and of the Gospels envisaged as a bridge between teachers, professionals, scientists, politicians, and people who suffer the day-to-day consequences of social inequality. A new commitment of acting

within the academy without losing from sight the guiding elements from ethics, the sciences, faith, and justice. Based on these principles, the author creates a humanist content decalogue to help educate women and men to have a world view at the service of society.

Key words: ethics, faith, religion, education, and university.

RAÍZES E UNIVERSALISMO

Nesta hora de nossa História, pretendemos criar uma Instituição que não somente se ocupe dos problemas de nosso país, mas que contribua também, humildemente, para a fraternidade entre os povos, porque todos nós, pouco a pouco, estamo-nos tornando cidadãos do mundo. Hoje a humanidade tem meios para que todos os homens se dêem as mãos, e temos que ajudá-la a utilizar esses recursos para refazer o desígnio originário de Deus. A catolicidade, quer dizer, a universalidade, tão central no pensamento de S. Inácio, é fonte de horizontes: rompe as estreitezias, situa, em contexto amplo, os problemas e nos insere, de cheio, na tarefa de construir uma nova humanidade. É nessa perspectiva que nossa nova Universidade pretende situar-se.

Nascemos em um momento particularmente atrativo da história de nosso país, quando, quebradas as margens que nossa geografia longínqua nos impõe, abrimo-nos ao mundo e, por essa abertura, entram infinitas possibilidades de crescer e de desenvolver-nos, mas também, por essas brechas, introduz-se a possibilidade de perder nossas raízes e confundir nossa alma. A mudança de cultura que experimentamos abala, até os fundamentos, o sistema de valores que tem dado sentido a nossas vidas. O que era claro e definido para nossos pais ofuscou-se; perderam-se as evidências; a tarefa de nossa geração e da que vem é discernir, abrir os tempos novos, traçar novos caminhos, sabendo conservar o que deve permanecer. Em tais circunstâncias, temos de formar, mais que nunca, pessoas capazes de serem **sujeitos** da História: homens e mulheres competentes para pôr em ordem sua casa e humanizar as mudanças. Se, em qualquer época, foi essa a tare-



fa irrenunciável de uma verdadeira Universidade, neste tempo, em que a modernidade puramente racionalista mostrou seus vazios nos campos científico, político e econômico, surge a exigência de refundar, mais que a pátria, o próprio ser humano. Vivemos um momento especialmente propício para dar essa contribuição ao homem, porque tomamos consciência do vazio e, sedentos, buscamos alternativas. Atraídos, muitas vezes, pela novidade, abrimos nossas fronteiras sem discernimento; e sem pensamento próprio nem espírito crítico, copiamos e repetimos receitas e lições, fazendo tristes arremedos, correndo o risco de vender nossa alma. Setores importantes de nossa sociedade - e entre eles se contam muitos profissionais e intelectuais - exilaram-se mesmo quando ainda continuam vivendo no país. São transplantados, como aqueles que viviam em Paris, no século XIX. Sua linguagem, seu nível de consumo e até mesmo sua técnica não correspondem ao que, na verdade, somos e de que necessitamos.

NOSSA VOCAÇÃO ÉTICA

Neste momento apaixonante de transição, de esperança e de perplexidade, a missão de nossa Universidade adquire uma importância indiscutível. Não podemos contentar-nos com formar profissionais. Se a Universidade não for capaz de interessar-se por um projeto de nação, um projeto de humanidade que dê sentido, orientação e coerência a todos os nossos empreendimentos e, em particular, ao trabalho intelectual, nesse caso, a Universidade estaria falhando na sua missão. É traição ao espírito universitário formar especialistas exímios no detalhe, mas incapazes de enxergar o conjunto.

Esse conjunto está necessariamente ligado a uma perspectiva ética. A ética foi restringida ao âmbito da corrupção ou da desordem sexual. Fala-se em ética para lamentar os males que nos afligem, sem tomar o trabalho de pensar que esses males, a corrupção, a desordem sexual, a violência, o narcotráfico são apenas conseqüências de algo que não se deseja questionar. Cremos que é um dever ampliar e aprofundar o debate ético em nossa sociedade. Há que reformular as perguntas essenciais, porque, talvez, como sociedade, estejamos respon-

dendo a questões mal colocadas. O número de suicídios no sistema escolar não se deve à qualidade dos professores ou a uma repreensão recebida. É um problema de sentido profundo a que não responde a cultura imperante. É bom que esclareçamos a imagem do ser humano que queremos, o tipo de país. É bom que ponhamos sobre a mesa todas as dilacerações que nos rompem a alma, para buscar juntos uma solução. A ética se interroga sobre o bem que o homem busca e define um ideal, é um anelo e uma esperança que dá norma a nossos passos. Que estamos anelando? Onde pomos a realização humana? Que sonhos forjamos para nossa sociedade? Ou - como diria S. Inácio - quais são nossos grandes desejos? Tudo deve contribuir para responder a essas perguntas e, portanto, todo o nosso saber e agir devem estar imbuídos de sentido ético. Nessa perspectiva, sem dúvida, há que preocupar-se com a eficiência da economia. Disso depende uma parte importante das soluções que buscamos: é indispensável preocupar-se com o valor do dólar, mas o problema fundamental de nosso país não se enraíza no valor dessa moeda, e sim em outros valores. É razoável e necessário que demos cursos de formação afetiva e sexual a nossos jovens, qualquer nome que tenham; mas esses cursos carecem todos de significação, se não se ensina previamente que o dom de si, o sacrifício pelos outros, o preocupar-se com a dor alheia, a solidariedade, a necessidade de transcendência e o encontro definitivo com Deus formam o núcleo mais humano do humano. A ética é um grande projeto de humanização e, nesse projeto, queremos empenhar-nos como Universidade.

Todas as técnicas e todos os saberes científicos, incluindo os religiosos, devem amarrar-se como o vértice de uma pirâmide em torno de valores que dêem sentido ao conjunto e que o amalgamem. De outra maneira, a empresa que construímos será vã e desagregada. Isso supõe o esforço de todos: investigadores, docentes, alunos e administradores. A Universidade é, por essência, multidisciplinaridade. Li, com emoção, por esses dias, o discurso de Andrés Bello, o primeiro Reitor da Universidade do Chile. Ele insiste ali que “todas as verdades se tocam... todas as faculdades humanas formam um sistema em que não pode haver regularidade e harmonia

sem o concurso de cada uma. Não se pode paralisar uma fibra, uma só fibra da alma, sem que todas as outras adoeçam”.

COMPROMISSO CRISTÃO E PLURALISMO

Perante tal desafio social e cultural, consideramos que uma Universidade que se inspira no Evangelho tem uma grande responsabilidade. Ela deveria, como a Igreja, segundo as palavras de Paulo VI, ser uma “perita em humanidade”. Nossa cultura nacional tem uma vertente cristã e católica inegável; e nós, cristãos, por fidelidade a nossa fé, em conjunto com todas as pessoas de boa vontade, devemos trazer nossa contribuição para que a mudança social que experimentamos não produza um esvaziamento no ser humano. Infelizmente, temos a impressão de que, neste momento da História de nossa pátria, nós, que nos inspiramos no cristianismo, estamos em dívida nesse ponto. Sentimos falta desse pensamento sólido, profundamente fiel à tradição e, ao mesmo tempo aberto, capaz de um diálogo, profundo e questionador, com a modernidade, e que apresente desafios ao mundo que estamos construindo. O Papa João Paulo II nos convidou com coragem a uma nova evangelização, e, às vezes, perguntamo-nos constrangidos se estamos fazendo os esforços que o Papa nos pede. É necessário fazer um trabalho gigantesco, como o dos primeiros Padres da Igreja, como o que nos pediu o Concílio Vaticano II, para dialogar com o mundo que nasce, para propor-lhe uma verdade crível e para elaborar um raciocínio que brilhe por seu próprio valor.

Não estamos sós na busca da verdade; a sociedade contemporânea é profundamente pluralista, e temos de saber inserir-nos nessa realidade. Nós, católicos, muitas vezes, tememos este mundo novo pela dose possível de relativismo que há nele. Mas o pluralismo não é necessariamente relativismo. Se entendemos pluralismo como confusão de valores, isso significaria querer reconstruir, em nossa casa, uma torre de Babel. O verdadeiro pluralismo se baseia no amor irrestrito pela verdade e no humilde sentimento de que se pode, talvez, estar estreitando essa verdade, por seus interesses, sua cultura, suas limitações. Na

minha maneira de ler o Evangelho e de receber a tradição, estou sempre interpondo meu pequeno modo de pensar e de olhar. Por isso, o pluralismo convida a aceitar a verdade que há nos outros, porque ninguém, por mais errado que esteja, deixa de ter algo de verdade para transmitir, segundo o ensino de S. Tomás. O pluralismo não se faz de silêncio, mas de respeito, de humilde escutar e de querer aprender e, a um tempo, de querer transmitir a verdade que se recebeu como um dom. O pluralismo supõe a vontade de transmitir suas crenças, não à força, nem impondo, e sim pela persuasão que nasce da intrínseca luminosidade da verdade bem apresentada e do valor do testemunho. Uma Universidade deve buscar apaixonadamente a verdade e buscar a maneira de dizê-la; deve buscar os argumentos para que a verdade se imponha por si mesma, e não pelo “braço secular”. Como discípulos de S. Inácio, que nos ensinou a salvar as proposições do próximo, esperamos poder dar nossa contribuição à Sociedade e à Igreja - à Santa Madre Igreja Hierárquica -, à qual dedicamos uma radical fidelidade.

DECÁLOGO DO HOMEM E DA MULHER QUE QUEREMOS FORMAR

Gostaríamos de resumir o que projetamos, fazendo um Decálogo do homem e da mulher que queremos formar.

Formar é muito mais do que ensinar fórmulas ou conhecer teoremas: é aproximar, através da ciência e do exemplo, os alunos a um modo de encarar a vida e de relacionar-se com Deus, com o mundo, com os outros seres humanos e consigo mesmos.

1º - Esperamos que esta Universidade seja capaz de formar **pessoas com uma fé sólida e com uma visão sãmente religiosa da existência**; que saibam por que e para que vivem; por que e para que estudam e que sentido tem sua passagem pela terra. É importante que, nestas salas de aula, se possa falar de Deus tal como Dele nos falou Jesus Cristo. O Deus da vida, que não arrebata ao ser humano sua liberdade nem seu modo de pensar; que não é a garantia de uma ordem social injusta; que está per-



to do homem e, em especial, daqueles que o mundo marginaliza.

2º - Em segundo lugar, esperamos formar **homens e mulheres** colaboradores de Deus, **que compreendam sua profissão como uma missão e possibilidade de serviço**, que existam para os outros, e que não busquem, em primeiro lugar, sua própria realização e seu prestígio.

3º - Em terceiro lugar, desejamos formar **homens de diálogo**, cheios de respeito pelas opiniões alheias, que procurem abrir-se à verdade sem relativismo, mas sem fanatismos, intransigências ou desqualificações. Por isso, as pessoas formadas nesta Universidade deveriam ser um fermento de concórdia.

4º - No quarto lugar deste decálogo, esperamos que daqui saiam **pessoas que olhem positivamente a criação**; que saibam amar a natureza e cuidar dela, contemplá-la, e nela reconhecer os vestígios do Criador, sem escravizar-se ante nenhuma criatura. Frente à tentação de consumismo e ostentação que nos ameaça, esta Universidade deve formar pessoas austeras e modestas, que compreendam que os bens têm um destino universal. É também importante que nossos profissionais tenham a genialidade de empregar meios que correspondam a nossa realidade social, econômica, étnica para que não se constituam um fator de alienação.

5º - Em quinto lugar, queríamos que as pessoas aqui formadas fossem **excelentes em suas respectivas disciplinas**, fazendo render, sem mediocridade, os talentos recebidos. O país necessita, para seu desenvolvimento, de profissionais de primeira qualidade, sérios, criativos, constantes e estudiosos. Buscar a excelência é um modo de amar, se isso não se faz apenas para sobressair.

6º - Em sexto lugar, é bom recordar que os que se formam nesta Universidade devem ter uma **verdadeira paixão pela justiça**, procurando criar, com todo o empenho, uma sociedade mais justa, solidária e humana. Por isso, é indispensável que se estudem os mecanismos que geram injustiça e que se

tenha contato real com os marginalizados, com os mais pobres e com os que mais sofrem... com a verdade do Chile.

7º - Sétimo ponto deste Decálogo. Para poder viver o ideal de Inácio, é fundamental uma **formação integral e integradora**. Que os homens, os profissionais saídos desta Universidade possam ser especializados, mas nunca homens de uma só dimensão. O profissional desta Universidade deve ser profundamente humano, capaz de apaixonar-se por todas as manifestações do espírito, e de sofrer por tudo o que aflige a humanidade. O homem integral tem esse equilíbrio que lhe permite ser religioso sem ser beato; cientista, sem perder as outras dimensões da humanidade; artista, sem desprezar a razão; esportista, com a consciência de que o corpo não pode ser centro exclusivo de todos os cuidados; inquieto socialmente, sem cair nunca no simplismo demagógico. Ciência, arte, religião, esportes devem amalgamar-se em uma síntese harmônica. Uma formação integral supõe também educar a afetividade. Quando chegar a hora do juízo final, a grande pergunta vai ser se soubemos amar. Por isso, uma boa formação profissional se harmoniza com a vida de família e com a capacidade de amizade fiel e profunda.

8º - Em oitavo lugar: a formação humanizante deveria dar aos profissionais a **capacidade de não escandalizar-se com as fraquezas humanas**. Tanto a Universidade como as Empresas, e até a Igreja, terão sempre as marcas da debilidade e do pecado, do egoísmo e das imperfeições. Um homem e uma mulher maduros não devem fechar os olhos ante o mal. Devem reconhecê-lo, denunciá-lo e buscar os remédios para que esse mal se corrija... mas, como Jesus, não devem nunca desanimar ante a pequenez humana.

9º - Nono. Necessitamos profissionais livres para **buscar, dizer e viver a verdade**... Não pode haver sociedade justa e desenvolvida que se construa sobre o engano, a desonestidade e a corrupção.

10º - Finalmente, parece-nos que em um mundo que se unifica, é indispensável formar **pessoas com visão universal**, que não estreitem as perspectivas

por amor à sua região e ao seu país. O homem que devemos preparar para o século XXI tem raízes em sua pátria, mas é um cidadão do mundo, que se deixa interpelar pelos grandes problemas da humanidade.

CONCLUSÃO

Com humildade, mas com muita verdade, esperamos ser uma Universidade marcante, não pela extensão de suas instalações, nem pela quantidade de seus recursos ou pelo volume de publicidade; pretendemos ser uma contribuição significativa pela seriedade acadêmica, pela vontade do diálogo, imbuída de um alto conteúdo ético e humanista e, sobretudo, por ser uma resposta pertinente aos principais problemas e oportunidades que se apresentam ao país.

Antes de vir a esta solenidade, pareceu-me um dever ir a um dos lugares mais pobres da cidade, o acampamento **El Hoyo**, que, como seu nome indica (“hoyo” quer dizer “buraco”), constitui uma verdadeira mostra da marginalização. Quis encher minhas retinas com esse aspecto oculto de nossa sociedade, para que os que ali vivem estivessem, de algum modo, presentes nesta inauguração. Esperamos que esta nova Universidade amplie a esperança dos que receberam pouco de nossa Sociedade. Desejamos contribuir para que suas necessidades e inquietações, sem simplismos, nem demagogias, ocupem um lugar de importância em nossa investigação e em nossas preocupações acadêmicas. Hoje a Sociedade pode resolver esses males. Esperamos ser uma ponte entre profissionais, cientistas, políticos e essas pessoas que vivem na própria carne a iniquidade endêmica de nossa Sociedade, que tem sido mais forte e durável que todos os sistemas políticos e econômicos e que se transmite de geração a geração. Estou certo de que o Padre Hurtado espera isso de sua Universidade.

